

VIOLÊNCIA NORMATIVA: ASSUJEITAMENTO DE ESTUDANTE QUEER-CUIR-KUIR ENTRE A FAMÍLIA E A UNIVERSIDADE

José Amaro da Costa¹

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta a tensão vivida de um estudante queer-cuir-kuir², durante o período de graduação envolvendo a família e o ambiente da universidade, categorizado como violência normativa diante do assujeitamento e traumas, em função da identidade de gênero e orientação sexual.

A justificativa do artigo é insubordinada porque embora violência não seja uma temática específica da educação, se torna relevante em virtude dos impactos e sequelas causados nesse espaço, mediante discursos e práticas desde as séries iniciais até a universidade. Isso motivou realizar pesquisa de doutorado, cuja tese implicou analisar violências dos corpos queer-cuir-kuir na graduação, de universidades públicas e privadas da cidade do Recife-PE.

O aporte teórico utilizado foi a obra “A força da não violência” de Judith Butler (2021), aproximações com Ensinando a Transgredir de bell hooks³ (2017), Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (2017) e pedagogias queer de Mercedes Sánches Sainz (2020), na perspectiva de fazer outra educação, que rejeite as violências com as sexualidades dissidentes.

Cumpro o procedimento metodológico através de uma escuta de testemunhos numa fronteira singular, fenomenológica, que se interseccionam com a família, sociedade e política. Sem essa ampliação interrelacional, assumimos uma educação que acontece isolada da vida como ela é.

Em síntese: os entrevistados, em seus relatos, resgataram vivências significativas, numa aproximação com o escritor cubano Barnet, (1969:1981) que menciona: “escrever testemunhos é desenterrar histórias reprimidas pela história dominante, abandonar o eu burguês para permitir

¹ Doutor em Educação pela Universidad Nacional de Rosario (UNR - Argentina). Pesquisador do Núcleo de Estudos Queer e Decoloniais - UFRPE e do SEGS -Subjetivação, Educação, Gênero e Sexualidade da UFPE-Campus do Agreste.

Orcid: 0000-0001-8494-2297

Email: jaja.joseamaro@gmail.com

² Queer-cuir-kuir - expressão utilizada por pensadores argentinos como Val Flores (2013) e Facundo Saxe (2023), escritores, professores, *ativistas* da dissidência sexual e entusiastas de pedagogias antinormativas, decolonizando o vocábulo anglófono queer. João Manuel de Oliveira, por seu turno, informa que não existe na língua portuguesa do Brasil ou de Portugal esses vocábulos queer, cuir ou kuir e aconselha que não se faça resistência e que sejam todos eles assimilados como num ritual de antropofagia, transformando-os em nossa forma de ser resistência e inovação (Oliveira, 2017, p.104).

³ A autora adota uma escrita transgressora, em que por sua escolha o seu nome não contém as iniciais maiúsculas.

que os testemunhais falem por conta própria [...] e que produz uma solidariedade entre o intelectual e o cidadão que reduz a alienação endêmica na vida cotidiana das sociedades contemporâneas”. Nesse caso, dar voz aos que a sociedade discrimina gerando sequelas com o *bullying* das séries iniciais da escola e que não cessam nem mesmo na universidade.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Com aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) - CAAE:20566219.7.0000.5619 – no Parecer Consubstanciado da Fundação Joaquim Nabuco (PE) – Plataforma Brasil, metodologicamente foram coletados testemunhos, em entrevistas semiestruturadas com Termo de Consentimento Livre assinado, evidenciado impactos e sequelas sofridos durante a graduação em função da orientação sexual e identidade de gênero.

“Testemunho” é um termo que se refere a muitos tipos de discursos, dentre eles, o da história oral e popular (Pollak, 1992) que procura dar voz aos “sem voz”. Seligmann-Silva (2003, 2005) apresenta que testemunho vem sendo utilizado em diversos campos, os quais menciona o da Teologia, Psicologia, da Etnologia, e Estudos Literários e outros. Na Europa, foi no pós-guerra que alguns estudiosos se dedicaram a refletir sobre o testemunho, dentre eles Theodore Adorno e Walter Benjamin. Na América Latina, o uso do testemunho passou a ser adotado com maior regularidade a partir da década de 60, protagonizado por trabalhos de língua hispânica em Cuba, como uma tentativa de produção de conhecimento científico cultural pós-colonialista, sendo também adotada por outros países, como Argentina e Chile para retratar experiências pós-ditadura (PENNA, 2003; SELIGMANN-SILVA, 2005). Também foi utilizado o testemunho para referir-se a conquista e colonização a textos documentais que tratam da vida de indivíduos das classes populares imersas em lutas de importância histórica (YUDICE, 1992).

Logo, a história oral na forma de testemunhos é o referencial metodológico dentro da abordagem qualitativa, que se apresentou como a melhor proposta desse estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O testemunho de Kevin (nome fictício), com 30 anos de idade, atravessado por uma experiência de quase 10 anos na mesma universidade, em centros diferentes da UFRPE⁴, Gastronomia (2009-2014) e Ciências Biológicas, iniciado em 2017. Se autodescreve assim:

⁴ UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Eu me identifico como branco, apesar de conhecer bem minha história, assim, familiar. Minha avó era negra e tal, mas em relação à forma como eu fui socializado e os privilégios que eu tenho, eu me identifico como branco. É... homem gay, também cis, apesar de no meu processo terapêutico está questionando isso assim, e talvez fluindo para uma não binaridade. Me reconhecer como não binário. É... mas ainda não é algo assim sabe, esclarecido.

Dizer-se gay não é uma pose, não está na moda nem sequer é um gesto de coragem. “É ao mesmo tempo um protesto, um modo de se expor, vulnerável, frente a linguagem e ótica dominante “(FLORES *apud* SAINZ, 2013, p.241). É uma via transicional na sociedade para ser verdadeiramente quem é, e não precisar cumprir os desígnios hegemônicos socioculturais dominantes.

Chegamos assim as narrativas conservadoras estruturais. Uma dessas estruturas é a visão clássica sobre a família. À primeira vista, se fala na defesa de valores, porém na prática, o que prevalece são relacionamentos conflitantes e violentos quando se depara com novos arranjos sociais e rompimento com a matriz inteligível de gênero e sexualidade (Butler, 2017), exatamente como narrado a seguir:

(...) aos 15 anos eu já tinha isso afirmado pra mim mesmo, e apesar de já saber no subconsciente antes, assim, desde muito criança eu já sabia que tinha algo diferente em mim. E eu tive muitos problemas com minha família em relação a isso (...) meu pai se distanciou mais do que já era distante. A gente teve uma relação que, basicamente, virou uma relação de negócios, assim, sabe! em relação a ele me sustentar e eu...mostrar serviço, assim, fazer o que eu precisava que era estudar e tal, enfim. Até pra entrar, e escolher meu curso foi difícil, minha relação era muito difícil, com minha família.

Um dos maiores desafios de quem contraria as normas é atrair uma carga psicológica para enfrentar. De fato, é algo acalorado no íntimo, uma relação emocional densa e incompreendida. Ou seja, solitária, demarcado assim:

(...) isso afetava muito meu desempenho no curso (...) eu pensei em desistir do curso. foi que eu percebi que não era muito bem o que eu queria, mas também não tive coragem, por medo de... sabe? De voltar atrás, enfim (...Iria provar que tudo ia dar certo.

O estudante menciona a dificuldade que atravessou durante curso, numa carga de estresse a que esteve submetido, para mostrar que daria certo na vida. Portanto, um golpe emocional, limítrofe dos mundos psíquico e social.

Outro aspecto muito significativo na formação diz respeito ao relacionamento com os professores, “onde alunos são silenciados por meio de sua aceitação de valores que os ensinam a manter a ordem a todo custo” (hooks, 2017, p.237). O relato abaixo ilustra de certa maneira uma perturbação à ordem:

Eu acho que a Biologia tem esse problema na verdade ainda. Ela é muito presa na binaridade ainda, muito presa no sexo... do sexo natural, natural, né! Do sexo... macho e fêmea. (...) tive algumas discussões assim durante o curso. (...) então... eu vi o professor de ecologia, que é o estudo do comportamento animal, falando de homossexualismo, em pleno ano de 2019. Acho

que antigamente eu ficaria calado, mais dessa vez eu chamei, assim, de uma forma bem tranquila, sabe?

A posição adotada pelo estudante com o professor revela a necessidade de atualização dos discursos se conectando com a comunidade científica e acadêmica que reconhece a bióloga Brigitte Baptiste, uma das vozes mais competentes em biodiversidade, ecologia queer. Ela ocupou a diretoria do Instituto de Pesquisa em Recursos Biológicos Alexander von Humboldt, na Colômbia e foi reitora da Universidad EAN – Bogotá, (2019). Além de especialista no tema, Baptiste é também é uma mulher trans, que se movimenta com desenvoltura entre a ciência, a sustentabilidade e a cultura⁵.

Segundo Butler “para compreendermos a violência estrutural e sistêmica, é necessário irmos além das explicações racionais que limitam o nosso entendimento acerca de como funciona a violência (2021, p.19). Na prática não há de se contestar quando se trata de golpe físico, o desafio está quando se refere a atos discursivo ofensivos. Por exemplo, sobre o medo como relata o estudante abaixo:

(...)tem um caso específico na Rural que é preocupante. (...) não lembro qual o curso exato dele, acho que é Zootecnia. Ele não é só declaradamente homofóbico, já praticou, violência física e violência psicológica abertamente.

E aí, um aluno, irmão de um amigo meu, do meu curso, da minha sala, foi agredido por ele (...) ele andava com medo, ele tinha medo de encontrar com ele, enfim. E esse homem, convive livremente, assim, no RU, assim. Às vezes, está na mesma fila que a gente. Aí querendo ou não, eu tenho medo de virar um alvo.

A possibilidade de violência identificada em um perímetro pequeno e na mesma localidade acaba com a tranquilidade por quem se sente ameaçado. Diga-se de passagem, “que no mundo em que vivemos temos de conhecer as modalidades da violência contra as quais nos opoemos, mas também precisamos retornar a um conjunto fundamental de questões que dizem respeito a nosso tempo e que torna uma vida valiosa” (BUTLER, 2021, p.38)

Essa última noção nos permite abordar incômodos ao perceber que era alvo de brincadeiras e piadinhas descrito assim:

(...) então quando eu entrei na Gastronomia, a Educação Física era basicamente, era uma repetição da Educação Física do colégio. Que é menino jogando futsal, meninas jogam não sei o que, ou então joga queimado e tal. Agora na Biologia, eu pratiquei handebol durante um

⁵ Ecologia queer - A diversidade está em toda parte. As plantas, por exemplo, ou são hermafroditas, ou mudam de sexo, ou praticam a autopolinização. A recombinação sexual é provavelmente a melhor invenção da natureza para gerar capacidade adaptativa. (...) há algo no ambiente, ou uma emissão de hormônios, que lhes indica: “apague o sexo masculino, assuma o feminino e ative os órgãos que tem para assumir este papel”. Estas tensões ambientais se estendem aos seres humanos. Assim, mesmo que tenhamos uma carga genética que nos define de alguma forma, nossas relações com o mundo permitem que modifiquemos nossos comportamentos.
<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/ksm/21528411.html>

tempo, treinei mesmo no time da Rural. E tinha alguns jogadores do time que não eram estudantes da Rural. Eram de fora, e eram convidados para poder formar o time, né! Pelo técnico pessoalmente. E o próprio técnico na verdade, era extremamente homofóbico, sabe? Aquele que acha que não está sendo, porque está brincando.

Diante do relato não há de se “abandonar a convicção que é possível dar aula sem reforçar os sistemas de dominação existentes. Precisa ter certeza de que os professores não têm de ser tiranos na sala de aula” (hooks, p.31. 2017). Quero dizer que assombrosamente, a relação discente-docente não necessita abordagem de subordinação

(...) assim... e é exatamente por isso que eu sei, porque é algo que eu não me submeto mais. Então o pessoal que era mais novo assim, que tinha... a maioria do time era gay, né? Handebol, um time de handebol.... e aí, o interessante é que justamente esses, que não eram da Rural, eram tipo héteros, e reproduziam junto do treinador, essas atitudes assim, homofóbicas. E enfim na fala, principalmente na fala.

Enquanto defendo e compreendo a universidade aproximar-se da comunidade, abrindo possibilidades de integração, como faz o professor de Educação Física, não se pode em nenhum momento gerar desconforto nem para o aluno e nem para a comunidade. Fica claro a posição homofóbica consentida numa atitude violenta no espaço universitário de uma instituição pública envolvendo o aluno na atividade curricular. Isto é “a normalização (processo para aproximar-se do valor hegemônico’ (Sanchez Sáinz, 2020, p.53).

Nessa linha de entendimento, há uma intencionalidade de implicar caminhos intransponíveis de tolerância a violência seja qual for. “Testemunhando objetivamente sua história, mesmo a consciência ingênua acaba por despertar criticamente” (FREIRE, 2005, p.14) como fez o estudante.

Esse apelo, ainda que tardio, é necessário e suficiente para não perpetuar formas violentas na educação em qualquer nível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não violência na universidade recai na emergência de uma reflexão coletiva e na implementação de currículos e conteúdo que não abram mão de evidenciar sonoramente a diversidade existente na sociedade e em ato contínuo promova estruturas condizentes que legitimem a valorização dos corpos que habitam nos seus campi que dê tranquilidade a todo aluno dissidente sexual acompanhar as atividades de formação sem sequelas na dimensão ensino e aprendizagem

Portanto, essa investigação é um ponto de partida, um início a ser continuado, ampliado e aprofundado futuramente com a escuta também de outros estudantes fora de uma metrópole, mas envolvendo outros grandes centros urbanos e instituições sediadas em regiões interioranas

Palavras Chaves: violência, orientação sexual, identidade de gênero e educação.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade. (trad. Renato Aguiar) 16ª ed. Rio de Janeiro. **Civilização Brasileira**, 2018.

BUTLER, J. A força da não violência: um vínculo ético político. (trad. Heci Regna Candiani). 1ª ed. São Paulo: **Boitempo**, 2021.

BARNET, M. La novela testimonio: socio-literatura. Union 4(oct.):99-122. 1981.” The Documentary Novel”. Cuban Studies/**Estudios Cubanos**, n.11, v. 1, pp.19-31, 1969.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro, **Paz e Terra**, 2005.

HOOKS, b. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade, 2. ed., São Paulo: Editora WMF **Martins Fontes**, 2017.

SAINZ, M. S. Pedagogías Queer: ¿Nos arriesgamos a hacer otra educación? (2nd ed.): **La Catarata**, Madrid, 2020.

SELIGMAN-SILVA, M. (org). História, Memória, Literatura. O Testemunho Na Era das Catástrofes. Campinas: **Editora da UNICAMP** 2003.

YUDICE, G. La voz del outro: Testimonio, subalternidade y Verdad Narrativa. **Revista de Crítica Literária Latinoamericana** (1992), ano 18. n. 36. pp.211-232 Lima, 2013.